

Manutenção da Paz na África Ocidental

David G. Leatherwood

A INSTABILIDADE na África Ocidental representa um enigma para a liderança norte-americana. A preocupação interna de evitar novos compromissos que pudessem envolver os EUA no além mar está amenizada pelo “efeito CNN” — a necessidade de se tomar medidas para aliviar o sofrimento dos povos destruídos por conflitos armados, doenças, fome e desastres naturais. Reagindo a essas pressões contraditórias, as sucessivas administrações do governo dos EUA têm dependido, na maioria dos casos, dos próprios africanos para manter a paz e a segurança em seu continente. Embora seja consistente com o Capítulo VIII da Carta da ONU, esta abordagem tem limites racionais.

Uma análise do apoio prestado à Nigéria, em sua intervenção militar na África Ocidental, empregando os acontecimentos na Libéria e em Serra Leoa como estudos de casos específicos, revela mais causa para cautela do que para otimismo. Embora a demografia e a globalização tenham contribuído para uma anarquia contagiosa, no fundo, a instabilidade regional não é causada por estes fenômenos, nem ocorre espontaneamente. A insurreição patrocinada por estados limítrofes é a fonte, e os esforços internacionais inapropriados para lutar com esta combinação de invasão e subversão somente agravaram o problema.

Garantir o êxito da democracia emergente na Nigéria converteu-se na lógica para justificar os aumentos significativos do apoio militar dos EUA. Na pressa para auxiliar o Governo da Nigéria, a liderança norte-americana fala dos êxitos passados do Exército nigeriano para assegurar a estabilidade regional. Entretanto, sua trajetória histórica nesse sentido é suspeita. O apoio para as operações em andamento na África Ocidental está mal dirigido. Proporcionar verbas, equipamento e adestramento à Nigéria beneficia alguns setores das Forças Armadas do país, e também as empresas norte-americanas envolvidas. Mas

a generosidade norte-americana não serve para resolver o conflito regional e, na realidade, pode inibir todo o processo.

Área em Crise

O capítulo mais recente da triste história da Libéria pode ser atribuído a uma invasão armada comandada por Charles Taylor. Em dezembro de 1989, Taylor, que havia fugido para os Estados Unidos para evitar acusações de corrupção, retornou à Libéria, sua terra natal, encabeçando um grupo de 160 revolucionários. Chegando lá, enfrentaram o regime autoritário de Samuel Doe, um ex-sargento que assumiu o poder durante um golpe de estado em 1980. O grupo de Taylor, a Frente Nacional Patriótica da Libéria (*National Patriotic Front of Liberia*) aumentou seu efetivo para 6.000 soldados em poucos meses. Com o substancial apoio de material proveniente do Governo de Burkina Faso, a Frente, em fins de 1990, passou a controlar todas as cidades mais importantes da Libéria com exceção de Monróvia. Durante o primeiro ano do conflito, a luta foi violenta; morreram aproximadamente 200.000 pessoas, enquanto 600.000 habitantes procuraram refúgio em Serra Leoa e na Costa do Marfim.

Os acontecimentos na Libéria preocuparam o Governo da Nigéria por várias razões. Doe, pessoa extremamente hostil, era aliado do ditador militar da Nigéria, *Major General Ibrahim Babandiga*. Taylor, com supostos vínculos com a Líbia, também constituía uma ameaça à estabilidade além das fronteiras da Libéria. Agravando ainda mais a situação, 3.000 cidadãos nigerianos que residiam na Libéria foram detidos pela Frente Nacional Patriótica da Libéria e levados para o interior como reféns. A segurança da embaixada da Nigéria passou a ser cada vez mais precária.

À pedido de Babandiga, a Comunidade Econômica dos

África Ocidental



Estados da África Ocidental (*Economic Community of West African States — ECOWAS*) desdobrou, em agosto de 1990, forças na Libéria para conter a guerra civil. A entidade militar multinacional foi chamada de Grupo de Monitoração do Cessar-Fogo da *ECOWAS* (*ECOMOG*), embora não houvesse nenhum acordo para cessar-fogo em vigência na data do desdobramento. Inicialmente, a força foi composta por tropas da Gâmbia, Gana, Guiné, Nigéria e Serra Leoa, divididas em grupos nacionais. O comandante do *ECOMOG* era o General gambiano Arnold Quainoo, mas a maioria do efetivo e dos principais líderes era da Nigéria.

Dominada pelos nigerianos, a intervenção era considerada pela maioria dos liberlandeses como um esforço partidário contra Taylor. As forças da Frente Nacional Patriótica da Nigéria, que haviam cercado Monróvia, não vacilaram em engajar as tropas do *ECOMOG* nas redondezas da cidade. Quando Doe foi assassinado logo depois da chegada do *ECOMOG*, o Gen Quainoo foi substituído por um general nigeriano. O comando permaneceu nas mãos nigerianas durante todo o conflito.

O *ECOMOG* controlou a cidade de Monróvia entre 1990 e 1992, mas fez muito pouco para ampliar a área sob seu controle. Foram negociados 13 cessar-fogos entre as partes beligerantes durante os anos seguintes, aparentemente motivados mais pelas considerações táticas dos referidos partidos do que pela boa intenção. Enquanto estes acordos obviamente não cumpriram com

seus objetivos, o *ECOMOG* vacilou entre agendas que favoreciam uma variedade de partidos, e sua missão alternou-se entre a de manutenção e a de imposição da paz. Um suposto acordo entre Taylor e Babandiga facilitou as eleições na Libéria e um acordo de paz foi finalmente assinado em 1997.

Episódios de valor individual dentro do contingente nigeriano na área do *ECOMOG* foram arruinados pela corrupção generalizada. A prioridade da maioria dos soldados nigerianos, que às vezes não recebiam salário por meses, era o seu próprio lucro. O roubo era comum. A corrupção era institucionalizada e passou a ser cada vez mais eficiente à medida que a presença do grupo na Libéria se arrastou por sete anos. Os esforços econômicos ilícitos na Libéria se concentraram na borracha, madeira, apoio humanitário da ONU, drogas e diamantes. O lucro criminoso resultante da situação tornou-se o motivo para a manutenção do desdobramento no referido país.

Na esfera interna, a participação nigeriana no grupo foi impopular. Enquanto a maioria da população aceitou a argumentação do governo afirmando que a instabilidade patrocinada pela Líbia através de Burkina Faso tinha de ser controlada, muitos consideravam o custo excessivo. O inesperado lucro recebido do petróleo durante a Guerra do Golfo Pérsico foi totalmente gasto com as despesas do desdobramento. À medida que a Nigéria passava por períodos de austeridade econômica mais difíceis, aumentava a controvérsia sobre os desdobramentos no



Departamento de Defesa

Soldados de Gana preparando-se para um desdobramento de seis meses na Libéria, como parte do ECOMOG, 1997.

exterior. Os registros nacionais estimam em \$8 bilhões de dólares o total gasto pelos governos militares nos esforços do *ECOMOG*.

No final das contas, a intervenção nigeriana na Libéria simplesmente retardou a transferência do poder de um déspota corrupto para outro — não salvou Doe, nem deteve Taylor. É provável que a chegada das tropas nigerianas, em agosto de 1990, tenha salvado à população da Monróvia da inanição, mas também manteve as facções que lutavam contra Taylor alimentadas e armadas por muitos anos. Ao prolongar o período em que a Libéria esteve dividida sem um governo central, o *ECOMOG* fez muito pouco em relação à reconstrução nacional.

Os Diamantes são Eternos

O conflito na Libéria está diretamente vinculado ao conflito interno em Serra Leoa. Em março de 1991, as forças da Frente Nacional Patriótica da Libéria entraram no país vindas da Libéria. Com o objetivo de capturar as áreas que incluíam as minas de diamantes, a ofensiva foi dirigida pelo Cabo Foday Sankoh, um ex-soldado de Serra Leoa. Bom amigo de Taylor, Sankoh tinha previamente participado de treinamento com ele na Líbia. Os dois haviam trabalhado juntos em apoio ao golpe de estado de Blaise Campaore em Burkina Faso. A Frente Revolucionária Unida (*Revolutionary United Front*), fun-

dada por Sankoh em Serra Leoa era principalmente uma extensão da Frente Nacional Patriótica da Libéria .

Um ano depois da invasão da Frente Revolucionária Unida, um golpe de estado militar liderado pelo Capitão Valentine Strasser derrubou o governo, em abril de 1992. No ano seguinte, o Conselho Nacional Provisório

O capítulo mais recente da triste história da Libéria pode ser atribuído a uma invasão armada comandada por Charles Taylor. Em dezembro de 1989, Taylor, que havia fugido para os Estados Unidos para evitar acusações de corrupção, retornou à Libéria, sua terra natal, encabeçando um grupo de 160 revolucionários. Chegando lá, enfrentaram o regime autoritário de Samuel Doe, um ex-sargento que assumiu o poder durante um golpe de estado em 1980.

do Governo de Strasser, com \$18 milhões de dólares em apoio militar recebido dos EUA, retomou as minas ao leste e ao sul, que anteriormente haviam sido capturadas pelos rebeldes. Entretanto, estas vitórias eram de curto prazo. Os soldados de Serra Leoa participaram ativa-

mente da exploração ilegal, exportando os diamantes através da Libéria, como o fizeram os rebeldes da Frente Revolucionária Unida. A receita pública continuou baixa e a atividade da guerrilha aumentou. Reagindo contra as incursões da Frente Revolucionária Unida nas regiões diamantíferas, forças da Guiné cruzaram a fronteira e atacaram os insurretos no território de Serra Leoa. O surgimento do fenômeno *sobelde* (soldado-rebelde) complicou ainda mais a situação, à medida que um maior número de tropas do governo eram soldados de dia e rebeldes à noite. Em 1995, os insurretos reconquistaram as minas de diamantes em Serra Leoa e consolidaram o controle da metade setentrional do país, ameaçando Freetown.

Sem uma verdadeira força militar, a junta de Strasser contratou mercenários para contra atacar as forças da Frente Revolucionária Unida. Em troca da promessa de receber lucros da mineração, a empresa *Executive Outcomes*, da África do Sul, desdobrou seu efetivo em Serra Leoa, em maio de 1995. Empregando dois helicópteros *MI-17* contratados e um *MI-24* de Serra Leoa, mercenários usando uniformes militares da Serra Leoa retomaram, num período de nove meses, o controle dos centros de exploração de diamantes. Não obstante suas façanhas militares, não conseguiram salvar Strasser. Ele foi derrotado por um golpe de estado comandado pelo Ministro da Defesa, *Brigadier General Julius Mada Bio*, em janeiro de 1996. Bio planejou a realização de eleições, como um passo inicial para o retorno de um governo civil e negociou um cessar-fogo com os rebeldes da Frente Revolucionária Unida.

Ahmad Tejan Kabbah emergiu das eleições de março

NIGÉRIA

Orçamento de Defesa — \$340 milhões de dólares no ano 2000. O produto interno bruto em 2000 era de \$53 bilhões (\$1.359 per capita).

População em Idade Militar — Com uma população de 113 milhões, o total de homens nigerianos entre as idades de 18 e 32 anos é de 16.749.000. O total de efetivo no componente ativo é de 78.500.

Forças Armadas — A Nigéria conta com um Exército de 62.000 homens e 200 carros de combate; uma Marinha de 7.000 marinheiros com uma fragata e oito embarcações guarda-costas e de patrulha; e uma Força Aérea de 9.500 homens, 86 aeronaves de combate e 10 helicópteros armados.

Fonte: Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, "The Military Balance", 2001-2002 (Oxford, Oxford University Press para o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, 2001).

de 1996 como presidente da Serra Leoa. Ao assumir seu cargo, terminou o contrato com a firma *Executive Outcomes*, assinou um pacto de defesa bilateral com a Nigéria e negociou um acordo de paz com a Frente Revolucionária Unida. O acordo de novembro de 1996, conhecido como o Acordo de Paz Abidjan, exigia que os rebeldes se desarmassem, se desmobilizassem e se transformassem em um partido político. O acordo foi anulado por outros acontecimentos, antes de ser implementado. Em 25 de maio de 1997, o Major Johnny Paul Koroma, do Exército de Serra Leoa e 20 cúmplices atacaram a prisão em Freetown, libertaram 600 prisioneiros e derrubaram o governo eleito. Por intermédio do Conselho das Forças Armadas Revolucionárias (*Armed Forces Revolutionary Council — AFRC*), Koroma e seus partidários se declararam os governantes e convidaram a Frente Revolucionária Unida a fazer parte do governo. Os rebeldes entraram em Freetown, já em estado de anarquia, e Kabbah fugiu para a Guiné. Do seu exílio em Conacri, ele solicitou a intervenção nigeriana, sob as condições do seu pacto bilateral. Ao mesmo tempo que as programadas eleições na Libéria anunciavam o iminente fim de uma prolongada operação militar nigeriana no exterior, outra surgia.

O QG da *ECOMOG* em Monróvia lentamente planejou e executou a reação militar geral da Nigéria ao golpe de estado em Serra Leoa. O comandante da força, *Lieutenant General Victor Malu* estava na Nigéria quando ocorreu o golpe. Retornando a Serra Leoa, ele tomou a iniciativa com uma dupla estratégia — estabelecer negociações com o Conselho das Forças Armadas Revolucionárias e realizar, simultaneamente, a preparação para uma solução militar. Os nigerianos e a aliança do Conselho das Forças Armadas Revolucionárias e da Frente Revolucionária Unida chegaram a um acordo para restaurar o governo democrático em Serra Leoa, mas o acordo nunca foi implementado. Em fevereiro de 1998, quase um ano depois do golpe de estado, as tropas nigeriana do *ECOMOG* tomaram controle de Freetown, expulsando as tropas do Conselho das Forças Armadas Revolucionárias e da Frente Revolucionária Unida.

O principal interesse da Nigéria em Serra Leoa era os diamantes. Na verdade, eles são a razão dos conflitos atuais na África Ocidental. A maioria das exportações de diamantes da Frente Revolucionária Unida, por exemplo, estimada em \$75 milhões de dólares anualmente, continua a sair de Serra Leoa pela Libéria. A cumplicidade do governo liberiano foi documentada pela ONU.

O crescente custo da operação em Serra Leoa e as condições desfavoráveis no terreno fizeram com que a Nigéria ameaçasse retirar suas tropas, apesar da riqueza mineral. Em 7 de julho de 1999, Kabbah assinou os Acordos *Lome* com Sankoh, sob pressão de múltiplos benfeitores estrangeiros. Este acordo de paz fez com que a Missão de Observadores da ONU em Serra Leoa



Departamento de Defesa

A evacuação de cidadãos norte-americanos durante a guerra civil na Libéria, realizada durante a Operação Sharp Edge.

(UNOMSIL), que havia realizado a evacuação de Freetown em dezembro de 1998, retornasse para monitorar a implementação.

Erguendo a Bandeira Azul

O Conselho de Segurança da ONU autorizou o aumento do número de observadores da UNAMSIL para 210 em agosto de 1999. As Forças Armadas da Nigéria, percebendo a oportunidade para legitimar seus esforços com a intervenção da ONU e também receber verbas, reconsiderou a decisão de retirar seus soldados. Dessa forma, as forças nigerianas constituíram uma grande parte do contingente quando, em outubro de 1999, a Resolução 1270 autorizou uma força de 6.000 soldados para manter a paz, sob o controle da Missão da ONU em Serra Leoa.

Em princípios de maio de 2000, forças da Frente Revolucionária Unida seqüestraram centenas de funcionários zambianos e quenianos da ONU, que tinham sido desdobrados para monitorar a aquiescência ao acordo. A Grã-Bretanha decidiu intervir unilateralmente enquanto os rebeldes da Frente Revolucionária Unida se concentravam a uma distância de 85km ao norte de Freetown, na área conhecida como Rogberi Junction. Não tendo muita confiança nas Forças nigerianas ou nas da ONU, as forças britânicas mandaram

seus próprios soldados. A Força Aérea transportou 400 homens para Freetown, como parte de um mandato da Comunidade Britânica. Uns 800 fuzileiros navais seguiram a bordo do navio de assalto anfíbio *HMS*

O principal interesse da Nigéria em Serra Leoa era os diamantes. Na verdade, eles são a razão dos conflitos atuais na África Ocidental. A maioria das exportações de diamantes da Frente Revolucionária Unida, por exemplo, estimada em \$75 milhões de dólares anualmente, continua a sair de Serra Leoa pela Libéria. A cumplicidade do governo liberiano foi documentada pela ONU. . . O crescente custo da operação em Serra Leoa e as condições desfavoráveis no terreno fizeram com que a Nigéria ameaçasse retirar suas tropas, apesar da riqueza mineral.

Ocean, um novo porta-helicópteros. A ação rápida, incluindo assaltos de helicópteros contra as forças rebeldes que avançavam, evitou que a capital caísse novamente nas mãos dos rebeldes.

Em contraste com as ações britânicas em Serra Leoa, as forças da *UNAMSIL* não tiveram um bom começo. Dificultadas por alterações internas e uma situação em constante evolução no terreno, as forças da ONU caíram na armadilha da *ECOMOG*, alternando entre operações de manutenção e de imposição da paz. O mandato da *UNAMSIL* foi prolongado e ampliado, em agosto de 2000, autorizando operações ofensivas.

Em setembro, a ONU recebeu informações sobre negócios ilegais de diamantes entre militares nigerianos do mais alto escalão e da Frente Revolucionária Unida. Em vez de investigar as alegações do apolítico comandante da *UNAMSIL*, a ONU o substituiu. A Índia

O destino da Nigéria, com a maior população e a única megacidade da África subsaariana, é muito importante. Sua democracia embrionária precisa ser incentivada de todas as formas, incluindo aquele tipo de engajamento militar realizado pelos EUA. Não obstante, deve-se distinguir entre o que serve para a Nigéria e o que serve para os países menores da África Ocidental. Pela sua natureza, as hegemonias regionais inibem a soberania dos estados menores em sua área de influência. A Nigéria, com sua corrupção endêmica e outros vestígios de seu passado recente, ainda não tem condições de instilar uma estabilidade duradoura nos outros países.

e a Jordânia, as duas forças mais capazes dentro da missão, anunciaram a intenção de retirar suas tropas. Novamente, foi assinado, em novembro de 2000, outro acordo de cessar-fogo, sem muita esperança de que a paz fosse alcançada.

Entretentes, um conflito armado na Guiné demonstrou, ainda mais, a natureza transnacional das insurreições da África Ocidental apoiadas por potências estrangeiras. Os acontecimentos na Guiné mostraram tendências familiares — os métodos e as artimanhas empregados para enfrentar a instabilidade eram tão ineficazes quanto no passado. Nos últimos anos, as tropas que têm participado em missões de manutenção da paz, restringidas a atuar apenas em autodefesa, frequentemente confundem seu mandato de imparcialidade com neutralidade. Muitas vezes, o resultado tem sido uma força propensa a apaziguar os agressores, mas inapta para supervisionar verdadeiramente o desarmamento, a desmobilização e a reintegração de ex-combatentes. A duração do desdobramento tem sido difícil de

reduzir, ponto esse também considerado importante. Essa inércia é ainda mais premente durante as guerras civis, onde o prolongamento da divisão temporária dos estados lentamente enfraquece a estabilidade nacional e internacional.

Atividades Secundárias

As atividades dos militares norte-americanos no início das crises na África Ocidental ficaram restritas à evacuação de não combatentes, dirigida pelo Comando dos EUA na Europa (*EUCOM*). Durante a Operação *Sharp Edge*, as forças militares dos EUA evacuaram cidadãos norte-americanos da Libéria entre abril de 1990 e janeiro de 1991. Outra missão similar, planejada e executada com tal rapidez que não recebeu nome, realizou evacuações em Serra Leoa entre 29 de abril e 4 de maio.

Como o governo dos EUA decidiu manter-se fora dos conflitos na região, rapidamente procurou encontrar substitutos. O Senegal chegou a um acordo para desdobrar suas forças na Libéria como parte do *ECOMOG*, em troca de \$15 milhões de dólares em apoio. Outros \$19 milhões foram dados ao Quênia e à Tanzânia. A decisão de Babandiga, de anular as eleições da Nigéria, foi o principal obstáculo enfrentado pelo Governo dos EUA nos esforços para limitar as ações de Charles Taylor na África Ocidental. Os EUA também fizeram acordos com outras nações ocidentais para impor sanções contra a Nigéria. As sanções norte-americanas incluíram a proibição de serviços militares e da venda e reparação de equipamento, assim como restrições nos vistos para os funcionários do Governo da Nigéria. Devido às sanções, houve um declínio na capacidade norte-americana para manter-se informada e para influenciar os acontecimentos regionais. Washington decidiu não substituir seu adido militar de defesa, o qual estava na fase final de seu período de serviço, e deixou um major da Força Aérea, como oficial de maior hierarquia, na posição de adido. Enquanto isso, a embaixada de Monróvia, agora com um reduzido número de pessoal, contava somente com um tenente-coronel responsável pela cobertura dos acontecimentos na Libéria e em Serra Leoa.

Em fins de 1994 e princípios de 1995, Peter Chaveas, um funcionário de alto escalão da Área Estrangeira, com extensa experiência em assuntos nigerianos, foi transferido de seu cargo de Diretor do Escritório da África Ocidental. Dane Smith, que substituiu a Chaveas no Escritório de Assuntos Africanos, no Departamento de Estado, ficou sobrecarregado com o cargo adicional de Enviado Especial para a Libéria. Susan Rice, nomeada politicamente, ocupou o cargo de Chefe do Escritório de Assuntos Africanos no Conselho de Segurança Nacional (*National Security Council* — *NSC*). O resultado final destas mudanças foi o de concentrar os especialistas em assuntos africanos, do

Conselho de Segurança Nacional em Washington.

Mudanças expressivas ocorriam concomitantemente no *EUCOM*. O General James Jamerson, da Força Aérea dos EUA, assumiu o cargo de Subcomandante em Chefe em julho de 1995. O Comandante-em-Chefe norte-americano, General George Joulwan, ordenou que ele comesse imediatamente um programa ativo de engajamento. Contudo, a interação foi mínima com a Nigéria e a Libéria, por serem, respectivamente, um estado pária e um estado instável.

A assistência dos EUA para o *ECOMOG* naquele momento, passou a ser discreta. Em 1996 e 1997 o Governo dos EUA, por meio de contratistas, forneceu caminhões, rádios e helicópteros aos nigerianos na Libéria. A cooperação por trás dos bastidores com a ditadura na Nigéria, embora claramente contra o espírito das sanções, era bem recebida pela maioria do Congresso dos EUA.

Uma Nova Época — Talvez

O falecimento do ditador militar, General Sani Abacha em 1998, teve um impacto expressivo em todo o espectro das relações entre os EUA e a Nigéria. A curiosa coincidência da morte de Abacha e do seu oponente civil, M. K. O. Abiola, ambos de ataques cardíacos no verão de 1998, preparou o terreno para o retorno à democracia. O General Abdulsalam Abubakar supervisionou um governo transitório, realizando reformas políticas dramáticas e planejou uma eleição que foi realizada um ano depois do falecimento de Abacha. O General (Res) Olusegun Obasanjo encabeçou o governo eleito em maio de 1999. Através de mudanças radicais, Obasanjo expulsou muitos oficiais de alto escalão no processo de consolidação de poder e de reforma das Forças Armadas, forçou 17 generais para a reserva e, em seguida, substituiu os chefes das três forças militares.

De 1999 até o presente, a política externa dos EUA tem se concentrado na Nigéria, como o estado fundamental da região. O objetivo dessa estratégia é o fato de que a assistência estrangeira limitada é melhor empregada em um estado que tem conhecimento de seu potencial para exercer uma hegemonia regional, e a vontade e a resolução para fazê-lo. Esta estratégia de “estado âncora” adquiriu ímpeto sob o governo do Presidente Clinton e foi adotada pela administração Bush.

Thomas Pickering, Subsecretário de Estado e embaixador dos EUA na Nigéria no início de 1980, viajou para Abuja, para discutir o adestramento das forças nigerianas, em julho de 2000. Inicialmente, integrantes do 3º Grupo de Operações Especiais participaram na Operação *Focus Relief*, proporcionando 10 semanas de adestramento para

sete batalhões — um de Gana, cinco da Nigéria, e um do Senegal. Os nigerianos aceitaram o equipamento oferecido pelos EUA, mas ficaram descontentes com o adestramento. Citando sua maior experiência em combate, alegaram que havia pouco que aprender com a instrução oferecida pelos EUA.

O adestramento para a transformação militar oferecido à Nigéria foi uma fonte de problemas. Um processo dividido em três partes, realizado pela firma contratista norte-americana *Military Professional Resources* tinha como objetivo reprofissionalizar o Ministério de Defesa da Nigéria. A primeira fase, que custou \$1 milhão de dólares à Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional, consistiu de uma avaliação das ações necessárias e foi completada em 1999. A segunda fase, no valor de \$7 milhões de dólares divididos entre os EUA e a Nigéria, teve início nos fins de 2000. Enquanto o processo avançava lentamente, as Forças Armadas começaram a apresentar sinais de irritação ao perceberem uma certa insensibilidade dos EUA para com a soberania da Nigéria. Aparentemente a lua de mel havia chegado ao fim.

Serra Leoa continua a ser outra área de contenção. O desafio enfrentado pela comunidade internacional é como pôr fim à violência sem dividir a nação. Os EUA optaram por tratar a resolução do conflito em Serra Leoa principalmente como um aspecto secundário do relaxamento das tensões com a Nigéria. O destino da Nigéria, com a maior população e a única megacidade da África subsaariana, é muito importante. Sua democracia embrionária precisa ser incentivada de todas as formas, incluindo aquele tipo de engajamento militar realizado pelos EUA. Não obstante, deve-se distinguir entre o que serve para a Nigéria e o que serve para os países menores da África Ocidental. Pela sua natureza, as hegemonias regionais inibem a soberania dos estados menores em sua área de influência. A Nigéria, com sua corrupção endêmica e outros vestígios de seu passado recente, ainda não tem condições de instilar uma estabilidade duradoura nos outros países.

Qualquer método para resolver o conflito na África Ocidental deve abranger todos os estados afetados para ser bem-sucedido. A coordenação do emprego da diplomacia e da força militar também deve ser melhorada, um difícil desafio, dada a variedade de atores e de interesses. Uma década de intervenção nigeriana deixou bem claro um fato indiscutível — a manutenção da paz por si só, não produzirá a estabilidade. **MR**

David G. Leatherwood desempenha atualmente as funções de Chefe de Política no Diretório de Operações da Agência de Inteligência de Defesa, tendo servido anteriormente como o representante de maior hierarquia dessa agência no Comando dos EUA na Europa.